



Memória em construção: implantação física e virtual do Centro de Memória Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques – CMLARSM

Fernanda Capri Raposo¹
Vitor Manuel Pereira de Lima Gomes²

Recebido em: 27/01/2019
Aceito em: 25/02/2019

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao processo de estruturação do Centro de Memória Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques – CMLARSM da Fundação Técnico Educacional Souza Marques – FTESM que tem como escopo reconstruir, preservar e divulgar não apenas parte da memória da educação brasileira, mas de igual modo, as memórias institucional e da família Souza Marques. Seu escopo está assentado na catalogação de seu acervo para futuramente disponibilizá-lo a comunidade acadêmica e público em geral. Apesar do breve período de existência o Centro já promove exposições nas dependências da FTESM.

Palavras-chave: Centro de Memória. Memória. Educação.

Memory in progress: physical and virtual implantation of the Memory Center Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques - CMLARSM

ABSTRACT

The present work refers to the structuring process of the Memory Center Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques - CMLARSM of the Souza Marques Educational Technical Foundation - FTESM, whose purpose is to reconstruct, preserve and disseminate not only part of the Brazilian education memory, but also Similarly, the institutional memories and the Souza Marques family. Its scope is based on the cataloging of its collection to make it available to the academic community and the general public in the future. Despite the short period of existence, the Center already promotes exhibitions in FTESM's premises.

Keywords: Memory Center. Memory. Education.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (2016), bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2002), licenciatura em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2015) e mestrado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio (2012). Atualmente é paleógrafa associada da Fundação Oswaldo Cruz, pesquisador associado - Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI), pesquisador doutoranda - Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER) e técnico em arquivo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4257742Y5>, fernandacapri@gmail.com.

² Especialista em Ensino em Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras, pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (2019), bacharel em Direito pela Universidade Federal Fluminense (1994) e licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2015). Atualmente é paleógrafo e professor de ensino fundamental da disciplina de História no Colégio Carlos Gomes, <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8380569H9>, vmplgster@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O escrito tem como mote o trabalho desenvolvido no período de 2017 e 2018 junto a Fundação Técnico Educacional Souza Marques – FTESM, cuja perspectiva fundamenta-se em apresentar o processo de constituição do Centro de Memória Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques – CMLARSM, físico e virtual, como também, seus primeiros resultados produzidos.

O fito da organização do CMLARSM de modo geral é preservar a memória institucional, perpassando pela memória do seu fundador, além de valorizar a história da educação brasileira em um espaço destinado para a organização do referido Centro, a partir da apresentação do projeto para direção da FTESM.

Nesse sentido, o acervo produzido no cotidiano tanto pelo fundador como pela instituição educacional ora referenciadas, reúnem diversos tipos de documentos, objetos e registros, quer sejam exigidos pela administração como um requisito para legalidade de suas ações, quer seja pelo âmbito pedagógico como um registro da cultura material escolar, e firmam-se com o passar dos anos enquanto fontes comprobatórias (ROUSSO: 1996, 87) que permitem uma reflexão sobre o “passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno” (VIDAL: 2005,24).

Ressaltamos que a instituição de ensino é privada e possui trajetória, infraestrutura e acervo constituídos pela reunião das coleções: do seu fundador o Professor José de Souza Marques³, do Colégio Souza Marques⁴ e, por fim, da FTESM⁵, o que implica em formatos e

³ José de Souza Marques foi político, teólogo, educador e fundador do Colégio Souza Marques e da Fundação Técnico Educacional Souza Marques. Nasceu no dia 29 de março de 1894 e faleceu em 4 de janeiro de 1974, no Rio de Janeiro. Vindo de uma família de poucas posses bacharelou-se em Ciências e Letras e em Teologia no ano de 1922, aos 28 anos de idade. Durante algum tempo foi pastor no estado do Paraná e ao retornar ao Rio de Janeiro e formou-se em Direito. Em 15 de janeiro de 1929 fundou o Colégio Souza Marques e em 13 de junho de 1966 a Fundação Técnico Educacional Souza Marques. Casou-se com Leopoldina Amélia Riberio de Souza Marques em 07 de dezembro de 1922, com quem teve sete filhos: Stella, Diléia, Elza, Dulcinéia, José, Leopoldina e Neise. De acordo com Magalhães (s/d), em sua atuação como ministro evangélico vincula-se Convenção Batista Brasileira. Desempenha o cargo de pastor da Igreja Batista do Engenho Novo, no Rio de Janeiro e na Primeira Igreja Batista de Campo Grande no período de 1923 a 1925. Na mesma época auxiliou na construção de alguns templos batistas em outros bairros cariocas, como, Realengo, Osvaldo Cruz e Engenho Novo. Foi eleito para o cargo de Presidente da Convenção dos Batistas Cariocas, Presidente da Convenção Batista Brasileira, em 1935 e Presidente da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil, em 1958. Participou do Primeiro Congresso de Pastores Batistas do Brasil. No campo da Educação foi Secretário e Vice-diretor do Colégio Batista do Rio de Janeiro. Por concurso público de provas e títulos, lecionou como professor do antigo Distrito Federal. Pós morte recebeu inúmeras homenagens, a exemplo disso, em 28 de março de 2012 foi



propósitos diversos, em consonância com projetos e políticas educacionais pensadas por seu idealizador.

Conforme enuncia Le Goff (2003) um documento⁶ produzido nunca é inútil, visto que é consequência de uma construção consciente ou inconsciente do meio que o produziu, bem como, dos anos subsequentes aos quais continuou vivendo, por vezes esquecido, ou

inaugurada a Clínica da Família Souza Marques, localizada na Praça do Patriarca, bairro de Madureira, no município do Rio de Janeiro, criou-se um colégio estadual com o seu nome: "Colégio Estadual Professor José de Souza Marques", localizado no bairro de Brás de Pina, outro subúrbio carioca. Outra homenagem governamental foi a nomeação de "Praça Souza Marques" a um logradouro situado também na região central do bairro de Cascadura. Na área das comunicações, foi redator do jornal "O Batista Federal". Fundador do "Jornal Nova Era", diretor da "Editora Souza Marques", proprietário da "Livraria Evangélica Suburbana" e diretor-proprietário da "Revista Seleções Brasileiras". Na Academia Evangélica de Letras do Brasil foi o 1º Ocupante da Cadeira 04, tornando-se assim o Patrono desta vaga. Ampliando sua atuação em prol da educação republicana, atuou no cenário político, objetivando a melhoria das condições de ensino. Fundador e presidente do Partido Republicano Democrático, foi vereador no Rio de Janeiro em 1935, deputado constituinte durante a primeira legislatura do Estado da Guanabara e em 1974 era deputado estadual. Seguindo tradição inglesa e estadunidense de militância de líderes cristãos na maçonaria, foi um destacado membro do Grande Oriente do Brasil, exercendo cargos de expressão na administração maçônica, sendo presidente do Supremo Tribunal de Justiça Maçônica. Ainda hoje, a única foto existente no Salão do Conselho do Palácio Maçônico do Lavrado, é a que homenageia o professor Souza Marques. No mesmo Palácio, a sala do Tribunal de Justiça a qual também leva o nome de José de Souza Marques. Foi ainda membro efetivo do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, encontrando-se em sua sede, no bairro de São Cristóvão, em exposição, um retrato seu pintado a óleo. Em mais uma homenagem póstuma, desta feita organizada pela maçonaria, em 28 de abril de 1981 foi criada a Loja Maçônica José de Souza Marques, que, após alguns anos atuando em outros bairros da cidade, no início dos anos noventa fixou-se na Rua Nerval de Gouveia, situada também em Cascadura, ocupando o prédio da antiga Gráfica Souza Marques. Esta casa, de propriedade da família Souza Marques, foi cedida ao grupo de maçons que, a partir de então, ali realizam suas sessões semanais, mas atualmente está desativada. Proporcionalmente à extensa rede de atividades que desempenhou em seus oitenta anos de vida, são raras as fontes de informação escritas sobre Souza Marques. É citado em verbete do Dicionário Biobibliográfico Regional do Brasil, de Mário Ribeiro Martins (2003), esparsa e superficialmente analisado na Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante (2001), sendo melhor citado na obra História dos Batistas no Brasil: 1882- 2001, de José dos Reis Pereira (2001). Discreto, Souza Marques nunca fez militância da sua condição de integrante da raça negra ou do fato de ser batista ou maçom, despontando como um construtor pragmático, moderado e conciliador. MAGALHÃES, Fernando da Silva. *Raça, religião, política e maçonaria*. José de Souza Marques: confluências de uma memória negra, republicana e suburbana. s/d, s/l. Disponível em https://www.academia.edu/4214369/RACA_RELIGIAO_POLITICA_E_MACONARIA_Jose_de_Souza_Marques, acesso em 23 jan 2019.

⁴ Em 15 de janeiro de 1929, José de Souza Marques e Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques fundam em um dos cômodos de sua casa na rua Miguel Rangel no bairro de Cascadura, na cidade do Rio de Janeiro, uma escola primária chamada Colégio Souza Marques. Porém, com o aumento constante do número de alunos foi transferida, em 1930, para o local onde se encontra até a presente data, na avenida Ernani Cardoso nº 345, na época rua Coronel Rangel, no bairro de Cascadura. O Colégio Souza Marques beneficiou muitos moradores de Cascadura, Madureira, Jacarepaguá e adjacências que não precisavam mais ir ao Centro da Cidade para frequentar o curso ginásial, na época eram os únicos existentes da região. A direção da instituição após o falecimento de José de Souza Marques passou para sua filha mais velha Stella de Souza Marques Gomes Leal, também falecida, no ano de 2016. Atualmente a direção está a cargo da filha do casal Leopoldina de Souza Marques. MARQUES, Leopoldina de Souza. Depoimento concedido em 08 dez 2017 à pesquisadora Fernanda Capri Raposo para compor acervo do Projeto de História Oral do CMLARSM.

⁵ Fundada em 13 de junho de 1966, a FTESM é uma reunião das Faculdades que abrangem os seguintes cursos Medicina, Engenharia, Enfermagem, Administração, Ciências Contábeis, Biologia, Física, Química, Letras, Pedagogia e Formação de Professores, além e algumas especializações. Está localizada na avenida Ernani Cardoso nº 335, ao lado do Colégio Souza Marques.

⁶ Adotamos aqui o termo documento para definir todo e qualquer objeto que informe algo a alguém independente de seu suporte.

manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF: 2003, 538)

Por esta razão, durante a pesquisa questões colocadas pela História Cultural⁷ ganharam força para a fundamentação científica da história da educação, permitindo um entrecruzamento de novas perspectivas pelo viés da história social, história oral, arquivologia e museologia. Assim, no esteio da valorização da memória escolar cuja história institucional ultrapasse a secretaria escolar, foi pensado o CMLARSM.

Nas linhas seguintes descreveremos quem foi Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques e as etapas do projeto de implementação de um centro de memória físico e virtual e alguns resultados já alcançados.

2 LEOPOLDINA AMÉLIA RIBEIRO DE SOUZA MARQUES

Imagem 1: Foto de Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques. Local, Rio de Janeiro, s/d.



Fonte: Acervo: família Souza Marques.

⁷ De acordo com Chartier (1988, 45) uma “história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações” possibilitam uma variação de fontes que permitem compreender e responder problemáticas acerca da cultura escolar. CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.



Nascida na cidade do Rio de Janeiro em 09 de março de 1904, Leopoldina Amélia Ribeiro era filha de Antonio Lopes e Grata Diolinda Lopes. Concluiu seus estudos no Colégio Batista Americano, onde conheceu o professor José de Souza Marques que dava aulas particulares para complementar a renda. Contratado por seus pais, o professor José ia alguns dias da semana após o turno escolar até a casa de Leopoldina Amélia dar aulas de português.

Durante esse período aluna e professor se apaixonaram e resolveram casar em 07 de dezembro de 1922, ela aos 18 anos e José de Souza Marques, com 28 anos. Passando a se chamar Leopoldina Amélia Ribeiro Souza Marques. O casal teve sete filhos. Após contrair matrimônio Leopoldina Amélia mudou-se com o esposo para o Estado do Paraná, onde atuaram na Convenção Batista Estadual. Regressando ao Rio de Janeiro alguns anos depois fixaram residência no bairro da Tijuca e seu esposo voltou a trabalhar como vice-diretor do Colégio Batista Shepard.

Leopoldina ou Cachopa (moça bonita) apelido carinhoso que José lhe deu, permaneceu cuidando da casa, pois a primeira filha do casal, Stella, acabara de nascer. No ano de 1929 o casal já com três filhas e aguardando a chegada da quarta filha muda-se para Cascadura e fundam o Colégio Souza Marques com apenas dois alunos, usando a sala principal da residência como sala de aula. Nesta ocasião, Leopoldina Amélia, diante dos desafios da nova escola, passa a auxiliar diretamente de seu esposo, nas várias atividades inerentes de uma escola, entre elas: secretaria, tesouraria, inspeção de alunos, atendimento aos pais, faxina, enfim, tudo o que uma escola exigia.

Alguns anos depois, a escola já contava com um número expressivo de alunos, por esse motivo, a família decide mudar a residência e o colégio para rua Coronel Rangel, no bairro de Cascadura no Rio de Janeiro, e no espaço disponível também constroem um internato que passar a ser de responsabilidade exclusiva de Leopoldina Amélia.

Em paralelo as funções descritas, Leopoldina Amélia exercia algumas atividades nas igrejas em que seu marido era pastor, atuando várias vezes como líder da Sociedade Feminina (hoje Sociedade Mulher Cristã em Missão), Corista, Professora da Escola Bíblica Dominical, Tesoureira da Igreja, Visitadora, subindo os morros para evangelizar, entre outras atividades.

Em relação ao Colégio, o último cargo ocupado por Leopoldina Amélia foi de tesoureira e encerrou oficialmente suas contribuições para com a instituição em 1941 quando decidiu se retirar da administração deixando o cargo para sua filha primogênita, mas nem por



isso nos anos que se seguiram até o seu falecimento em 09 de julho de 1984 aos 80 anos, deixou de influenciar nas decisões da instituição.

Em virtude da grande contribuição, empenho e apoio que Leopoldina Amélia prestou para a fundação do Colégio Souza Marques e as Faculdades Souza Marques a família decidiu homenageá-la dando seu nome ao centro de memória.

3 CENTRO DE MEMÓRIA LEOPOLDINA AMÉLIA RIBEIRO DE SOUZA MARQUES DA FUNDAÇÃO TÉCNICO EDUCACIONAL SOUZA MARQUES – CMLARSM/FTESM

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA: 1993, 9).

Diante de diversas histórias que circundam o bairro de Cascadura na região norte do município do Rio de Janeiro, um ator social se destaca como um dos principais no cenário do final do século XIX e início do século XX. José de Souza Marques, fundador da Fundação Técnico Educacional Souza Marques, Faculdades Souza Marques e do Colégio Souza Marques. José foi antes de tudo um educador, político, advogado, pastor, teólogo, pai e marido, um jovem negro diante de uma sociedade ainda, predominantemente, branca e de negros recém-libertos, ganha espaço de voz no meio social.

Visto isso, hoje, as instituições por ele idealizadas tiveram no início de 2017 o desenvolvimento do Projeto para o CMLARSM, que visa valorizar a memória institucional por meio da preservação do legado do personagem histórico: professor José de Souza Marques. Nesse sentido, a ideia de constituir o centro de memória como um espaço para visitação, pesquisa com consulta de documentos e materiais, mas, sobretudo, para que o CMLARSM se constitua como um local de reflexão e debate sobre a história da instituição e, especialmente, sobre a história da educação brasileira.

A problemática residiu na necessidade de se trabalhar a preservação da memória acerca dessas instituições, colégios e faculdades que compõe a FTESM, pois se observou a pouca importância dada à história da mesma por parte da comunidade escolar e acadêmica as quais nem sempre as analisavam como lugares permeados de sentidos e plenas de vivências e situações relacionadas às suas origens e memórias.



Desse modo ao desenvolver o projeto do CMLARSM estabelecemos como prioridade ações de conscientização e valorização dessa história e desse patrimônio histórico.

Pretende-se reunir no Centro de Memória uma vasta coleção de documentos e de objetos que registrem o histórico da FTESM, cabendo destaque para: fotografias institucionais e familiares, indumentária, mobiliário, maquinário, entre outros. A coleção é dividida por: José de Souza Marques, Colégio Souza Marques e FTESM.

Os principais objetivos dessa divisão é facilitar o trabalho de catalogação do acervo. Almeja-se acima de tudo promover um novo olhar sobre o conceito de história por meio do registro das histórias de vida das pessoas envolvidas na fundação da instituição, e para além, verificar as condições de preservação das fontes históricas referente à história das instituições, assim como, contribuir para criação do centro de memória. Para isto, o projeto envolveu algumas etapas para seu desenvolvimento, a primeira delas e principal foi iniciada por esta pesquisadora quando foram elaborados os projetos e diretrizes para o CMLARSM e história oral, no período de novembro de 2017 a setembro 2018.

O projeto de história oral se propôs a registrar os testemunhos orais das personalidades que atuaram e atuam na instituição, cujas narrativas, conjuntamente, com a documentação escrita, imagética e audiovisual de valor histórico, irão reconstruir, preservar, divulgar e compor o acervo de memória institucional da Souza Marques. A próxima fase também projetada a partir dos levantados nos testemunhos prestados para o projeto de história oral teve início em abril de 2018 com o prazo estabelecido de 18 meses para a catalogação e levantamento da documentação histórica. Durante o período as seguintes ações estarão sendo implementadas:

- a) Mapeamento Documental: identificação dos locais onde estão armazenados possíveis documentos históricos (arquivísticos, museológicos e/ou bibliográficos) que irão compor o CMLARSM;
- b) Registro de Documentos: recolhimento dos documentos identificados como de valor histórico, ao Laboratório de Tratamento Documental. Até a inauguração efetiva do espaço, serão realizadas apenas o registro fotográfico e a catalogação da documentação selecionada;
- c) Tratamento Documental: higienização, restauração e acondicionamento de forma adequada, para devida conservação e preservação, os documentos históricos.

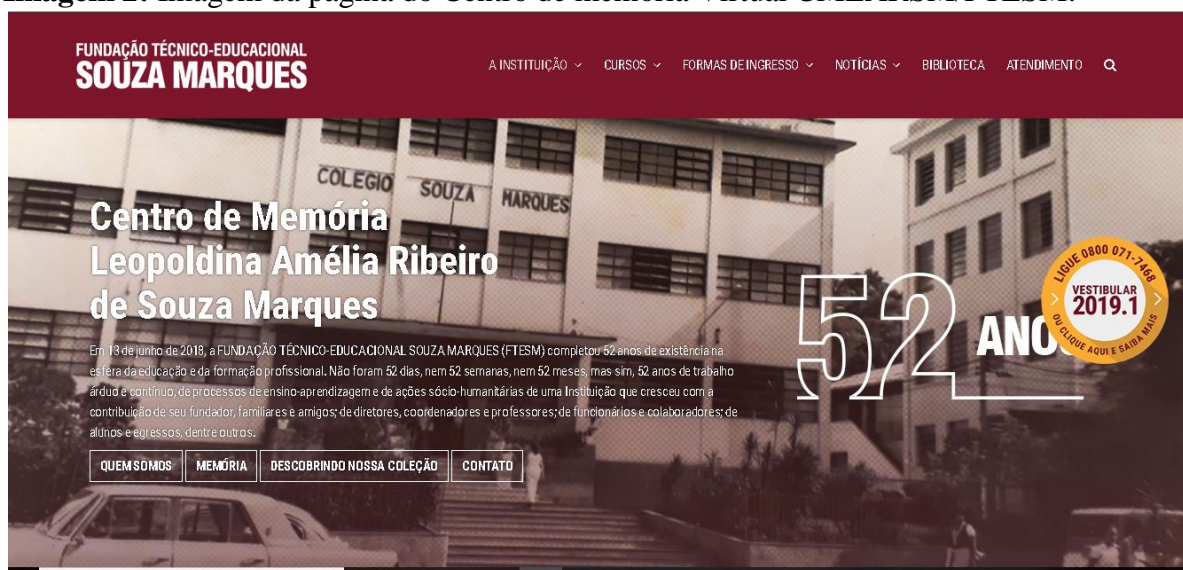
No intuito de atingir um maior número de pessoas a direção solicitou o desenvolvimento de um espaço virtual para divulgar e promover a memória institucional.

3.1 Centro de Memória Virtual Leopoldina Amélia Ribeiro Souza Marques

Criado com objetivo de divulgação dos trabalhos já concluídos desenvolveu-se um link (<https://souzamarques.br/a-instituicao/centro-de-memoria/>), vinculado à página da FTESM, para hospedar o Centro de Memória Virtual. Sua proposta inicial é um escopo abrangendo uma linha do tempo, o projeto de história oral, breve biografia de Leopoldina Amélia Ribeiro de Souza Marques e um recorte abrangendo três temas: Professor José de Souza Marques, Colégio Souza Marques e Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, além de um exemplo de um objeto já catalogado.

O link foi lançado em ocasião da comemoração dos 52 anos de fundação da FTESM, em 13 de junho de 2018. A data também marcou o lançamento oficial do Projeto do CMLARSM.

Imagem 2: Imagem da página do Centro de memória Virtual CMLARSM/FTESM.



Fonte: Rio de Janeiro, 13 jun 2018. Acervo: FTESM

2.2. Projeto de História Oral para CMLARSM

Segundo Alberti a história oral é uma metodologia de pesquisa

e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização



de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI: 2004,155).

A História Oral produz narrativas orais, que são testemunhos ou fontes de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade, na medida em que, aquele que dá o seu testemunho, não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.

Ademais a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, pois se centra na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. O modo mais utilizado para captação de uma história oral são as gravações de depoimentos, cuja produção é resultado de um trabalho conjunto entre depoente e entrevistador, os quais juntos produzem um documento. E foi este o método escolhido para a captação das memórias acerca da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, seu fundador e principais atores.

Mas por que utilizamos o termo depoimentos e não entrevistas? Respondemos à questão esclarecendo que em uma entrevista nunca se busca ir muito além da pauta, especialmente por questões de tempo e disponibilidade dos meios de comunicação que a produziram e geralmente atendem a uma urgência de um fato. Diferentemente, o depoimento segue um roteiro inicial para a interlocução, mas que pode ser alterado de acordo com a intenção do depoente e do entrevistador. Um ponto importante é que o depoimento respeita a sequência memorialística do depoente, valorizando seus silêncios e os não ditos. Outro fator que diferencia um depoimento de uma entrevista refere-se a uma postura que o entrevistador deve ter: a de ouvinte.

Assim, fundamentado no aporte teórico-metodológico da história oral, o projeto de história oral captou os relatos de quinze indivíduos entre eles filhos, netos, funcionários, ex-funcionários, alunos e ex-alunos; e se propôs a registrar os testemunhos orais das personalidades que participam ou participaram em algum momento da constituição da instituição.

Para a realização do projeto de história oral estabeleceu-se algumas diretrizes, entre elas um roteiro básico para testemunhos, além de procedimentos para o registro audiovisual dos testemunhos. No que se refere ao roteiro básico para captação dos testemunhos utilizamos um questionário contendo perguntas abertas que encorajaram as pessoas a falarem mais, e em algumas situações, surgiram questões não previstas previamente no roteiro original e foram interessantes para a recuperação da memória institucional.



Houve uma prioridade para realização das gravações: os mais idosos, com saúde debilitada; os descendentes de primeira linha de Souza Marques e os funcionários mais antigos. Os atores envolvidos em um primeiro momento foram divididos, além da ordem de prioridades acima expostas, em:

- 1- Descendentes de primeira linha;
- 2- Descendentes de segunda linha;
- 3- Funcionários, colaboradores e alunos.
- 4- Qualquer outro membro da comunidade escolar que possa contribuir para o projeto.

Esclarecemos que a classificação de prioridades apresentada sofreu alterações na medida em que as entrevistas foram realizadas. O apontamento dos sujeitos para participarem das entrevistas foi definido após pesquisa por mim em documentos referentes à fundação da instituição. Tal pesquisa gerou uma lista de aproximadamente 30 nomes que foi submetida à direção geral para apreciação, estabelecendo após análise 15 nomes mais importantes que tiveram seus relatos gravados.

A segunda ação foi o agendamento das gravações com os sujeitos, uma vez marcado o encontro, a equipe chegava com 15 minutos de antecedência para poder preparar a “cena”: escolhendo um lugar iluminado e confortável para o depoente, definia-se a posição da câmera, colocação do microfone, entre outras ações que eram necessárias. Depois, era explicado que eu faria poucas interferências e caso existisse alguma pergunta que o depoente não se sentisse confortável em responder sua vontade era respeitada. Pediu-se que o entrevistado seguisse se possível, uma cronologia dos fatos. Durante a gravação do testemunho eu costumava tomar nota dos nomes das pessoas, datas e situações ocorridas a fim de enriquecer a pesquisa e realizar possíveis cruzamentos de informações para ratificar a história contada.

Vale lembrar que, antes de iniciar as perguntas que compuseram o testemunho para fins arquivísticos e históricos, eu informava quais pessoas estavam presentes e quem compunha a equipe de gravação, além a data, hora e local em que foram realizados os registros, além de pedir para que o depoente começasse o seu relato se apresentado. Exemplo: Meu nome é..... nasci em na cidade de sou filho (a) de e, pais de outros tantos filhos (irmãos), nomes dos irmãos (as)(se for o caso). Realizamos esta ação para elaborar uma pequena genealogia.



Com intuito de respaldar juridicamente solicitava ainda, que o depoente preenchesse um “Termo de cessão de depoimento oral” e, se no decorrer da entrevista identificássemos ou fosse apresentado algum documento que pudesse enriquecer a narrativa, solicitava seu empréstimo mediante o preenchimento do “Termo de autorização e empréstimo de documentos”. Além disso, era preenchida a “Ficha de Identificação dos Entrevistados”, visando uma recuperação mais rápida das informações concedidas pelos depoentes. Futuramente, essa será de grande valia para realização de um inventário documental e memorialístico da FTESM.

Outro documento criado caso existisse algum objeto que o depoente quisesse doar a instituição tratava-se do Termo de Doação de Acervo, cuja finalidade era incorporar o documento, objeto ou obra ao futuro acervo histórico do CMLARSM. Ao final de cada entrevista, solicitei aos depoentes que deixassem uma mensagem para os jovens, nossa futura geração. Importante ressaltar que, de acordo com o perfil do entrevistado, algumas perguntas foram suprimidas e/ou acrescentadas. Destacamos por fim que todas as entrevistas já foram transcritas, revisadas e futuramente serão transcritas⁸, pela mesma equipe que desenvolveu o projeto de história oral, a qual aguarda somente a conclusão do levantamento do acervo documental para realizá-la.

2.3 Resultados Alcançados

Até o momento foram alcançados os seguintes resultados dessa fase já foram implementados:

a) Projeto de história oral – como já informamos foram realizadas a gravação de 15 testemunhos, são eles: filha e atual presidente do FTESM, Leopoldina de Souza Marques; neta e diretora financeira da FTESM, Ielva de Souza Marques Gomes Leal; professor, atual diretor da Faculdade de Engenharia Souza Marques e um dos fundadores do curso de engenharia mecânica, José Eduardo Hasselmann; ex-professor e fundador do curso de engenharia civil, Tito Luiz da Silveira; ex-professor e fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Souza Marques – FFCLSM, Sergio Flores da Silva; ex-professora do curso de letras, Hilda Monetto Flores da Silva; ex-professor e diretor do curso de letras, Evanildo Bechara; diretora da Faculdade de Medicina, Yara Curvacho Malvezzi; ex-alunos, Paulo Rogério dos Santos Baía, Jeane Regina Guzenski e Filon Suarte Nogueira, ex-aluna e professora dos cursos de

⁸ Quando afirmamos que as entrevistas serão transcritas estamos sinalizando que estes depoimentos em conjunto com as fontes que corroboram o relato serão transformados em textos para facilitar a difusão da historia institucional.



física, engenharias civil e mecânica, Sandra Penha de Souza Almeida; ex-aluna e ex-professora, Dulce Aparecida Liechosoki; diretor do cursos de Pós-Graduação, Paulo Pimenta Gomes; diretor administrativo Rui Antonio Alves da Fonseca; e o funcionário administrativo, José Carlos Estrela. Durante o período em que as gravações foram realizadas descobriu-se através dos relatos ratificados por documentos do acervo institucional que: todos os cursos os docentes das Faculdades Souza Marques, exceto do curso de Medicina, vieram de três instituições de ensino públicas, Colégio Pedro II, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ; o início do que viria se tornar a FTESM ocorreu em 1929 com a abertura do Colégio Souza Marques que costumava conceder bolsas de estudos integrais para alunos com poucos recursos que moravam no entorno; já a FTESM começa suas atividades em 1966, um ano depois obtém a autorização para o funcionamento das Faculdades de Engenharias Souza Marques – FESM, com os cursos de Engenharia Civil e Engenharia Mecânica, um dos primeiros a funcionar no turno noturno nesse segmento. Em 1969, foram implementados os cursos de Ciências Biológicas, Física, Química, Pedagogia e Letras, inaugurando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Souza Marques – FFCLSM; a Escola de Medicina Souza Marques – EMSM obteve autorização para seu funcionamento, em 1969, iniciando suas atividades no Palacete São Cornélio, na Glória, a partir de 1971, os alunos da primeira turma eram oriundos das cotas de excedentes dos vestibulares de instituições públicas e foram isentos de pagar o curso. No ano de 1971, ocorreu a implantação da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis – FCCAE, oferecendo os cursos de Bacharelado em Administração de Empresas e Bacharelado em Ciências Contábeis; em 1974 falece o fundador Professor José de Souza Marques e sua filha, Stella de Souza Marques Gomes Leal assume seu lugar na instituição; já em 1985, a FTESM criou a Escola de Enfermagem Souza Marques – EESM, ofertando o curso de Bacharelado em Enfermagem; em finais da década de 1990, foi montado o Curso de Formação Pedagógica de Docentes, também conhecido por Licenciatura Especial, para às disciplinas de Matemática, Física e Química; modernização, no ano de 1988, da Biblioteca Rosa Domingas Marques, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação – MEC; Em 2002, lançaram-se cursos de Pós-Graduação Lato Sensu na FTESM, nas área de Administração, Educação, Engenharia, Física Médica, Letras, Meio Ambiente, Química e Saúde. Três anos depois, deu-se a transferência integral da Escola de Medicina Souza Marques para sede da FTESM, em Cascadura; Leopoldina de Souza Marques é eleita para presidência da fundação após o falecimento de Stella, no ano de 2016. Todas essas informações foram apuradas durante o projeto de história oral e transformadas em um texto que serviu para escrever a linha do tempo da FTESM no centro de memória virtual CMLARSM. Vale lembrar que esse texto não se refere à transcrição das histórias contadas, trata-se na verdade apenas um texto informativo para aqueles que se interessem pela história da FTESM, bem como, de base para a busca de documentos, objetos e mobiliário para compor o CMLARSM. Atualmente o projeto de história oral esta paralisado por falta de recursos



financeiros para manter a pesquisa, dando preferencia a dar continuidade as ações para implantação do CMLARSM por uma museóloga que esta utilizando pessoal do quadro administrativo para auxiliá-la..

b) Relatório da documentação histórica levantada – para atender às demandas do CMLARSM, foi necessário realizar uma pesquisa para elaboração de ficha catalográfica, tal como ficha de laudo técnico e ao layout do CMLARSM virtual, baseados em informações coletadas pelo projeto de história oral. Tendo em vista a contribuição através de empréstimo de itens da coleção pessoal do professor⁹ Paulo Pimenta Gomes e da família Souza Marques, captados pela pesquisadora no durante as gravações dos depoimentos, foi possível colocar em prática o preenchimento dessas fichas para visualizar a compatibilidade dos campos de informações a serem utilizados. As fichas visam à recuperação da informação, além de registrar o estado de conservação e evitar que se percam itens físicos em meio à dispersão, já que estes não se encontram em uma área de acondicionamento própria e centralizada. O registro dessa documentação possibilitará agilidade no acesso à informação, assim como restringir o manuseio dos documentos originais, preservando-os e prolongando sua vida útil. Nestas fichas há o registro imagético por meio de fotografia a fim de evitar duplicidades ou enganos quanto à identificação dos itens históricos. Cada item recebeu uma análise das informações físicas contidas na materialidade do documento histórico e este o laudo técnico é uma análise sobre seu histórico, junto a ficha catalográfica somatizam-se um total de 2 fichas por documento histórico. Até finais de 2018 haviam sido catalogados 18 itens. Também foi cedida uma sala nos fundos da capela para o funcionamento do Laboratório de Tratamento Documental, que já totalmente adaptado as normas e realizando tratamento de higienização, catalogação e guarda de objetos, livros e documentos que irão compor o acervo histórico do CMLARSM. Chegou-se inclusive a realizar duas exposições.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O incremento do CMLARSM representa uma contribuição para os estudos da história da educação brasileira, como também, para a difusão da história institucional da FTESM e seu fundador, José de Souza Marques. Espera-se que o acervo captado pelo centro de memória possa disponibilizar informações para um número expressivo de usuário e acima

⁹ Professor Paulo Pimenta Gomes é geógrafo e esta na FTESM desde 1969, atualmente é diretor dos cursos de Pós Graduação Latu Sensu das Faculdades Souza Marques. (PAULO PIMENTA GOMES, informação retirada da entrevista concedida em 15 mar 18 a pesquisadora Fernanda Capri Raposo para o Projeto de História Oral)



de tudo, que este cumpra o papel de integrador entre o mundo acadêmico e comunidade, através de exposições, publicações e, sobretudo, atividades lúdicas. A organização e captação de acervo para compor o CMLARSM envolveu uma pesquisa sobre sua história que contou a contribuição precisa dos registros de relatos de personagens envolvidos na fundação da FTESM.

Infelizmente ocorreram cortes no projeto que talvez possam comprometer seu desenvolvimento, mas apesar desse revés espera-se que futuramente, após disponibilizar seu acervo, o CMLARSM consiga se consolidar como um local de disseminação da informação e pesquisa histórica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

MAGALHÃES, Fernando da Silva. *Raça, religião, política e maçonaria*. José de Souza Marques: confluências de uma memória negra, republicana e suburbana. s/d, s/l. Disponível em https://www.academia.edu/4214369/RACA_RELIGIAO_POLITICA_E_MACONARIA_Jose_de_Souza_Marques, acesso em 23 jan 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993.

RAPOSO, Fernanda Capri. Projeto De Implantação Do Centro De Memória Leopoldina Amélia Ribeiro De Souza Marques E Projeto De História Oral. Rio de Janeiro, 13 novembro 2017. Mimeo

RESENDE, Eliana. *História Oral: o que é? Para que serve? Como se faz?*. Disponível em <http://pensadosatinta.blogspot.com.br/2014/06/historia-oral-o-que-e-para-que-serve.html>. Acesso em 16 nov 2017.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.9, nr.17, p.85-91, 1996.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr, p.3-30.



_____ e ZAIA, Iomar B. De arquivo morto a permanente: o arquivo escolar e a construção da cidadania. In: MORAES, Carmem S. V. e ALVES, Júlia F. (orgs.) *Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2001(?), p. 33-42.